MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar
1999 **nº 187**

A ESCOLINHA DE DONA NENÊ

Nas décadas de 1940 e 1950, era famosa a "Escolinha da dona Nenê", assim carinhosamente chamado o curso Pré-escolar, particular, ministrado pela excelente professora dona Nenê Moraes, de tradicional família guaratinguetaense. Situava-se numa sala dos fundos de sua residência, com entrada pela rua Marechal Deodoro, no topo da ladeira. A casa era de esquina e tinha frente para a rua Dr. Moraes Filho (pai de dona Nenê, médico e deputado estadual na Primeira República).

Na Escolinha, cujo nome oficial era "Externato São José", as crianças de 6 e 7 anos aprendiam as primeiras letras e eram iniciadas também na Matemática, na História, na Geografia e nas Ciências ou "Lições de Coisas", como denominavam esta matéria.

O ensino era de tão bom nível que os alunos de 7 anos e que completariam 8 anos no 1º semestre do ano seguinte, poderiam, se aprovados nos exames finais da Escolinha, ser matriculados no 2º ano (hoje 2ª série do 1º grau) de qualquer Grupo Escolar da cidade. Os demais matriculavam-se no 1º ano, onde se destacavam por já estarem alfabetizados.

O material escolar usado era pouco e barato, comprado ali mesmo, perto da Escolinha, na Papelaria Vieira (Rua Pedro Marcondes - nº 88): um "borrador", de papel sem linha, um caderno com linhas, 2 lápis, um apontador, uma borracha. No borrador, o aluno aprendia a escrever números e fazia ele mesmo, as linhas necessárias para escrever. O número da primeira aula era sempre o nove, ou



seja, "uma bolinha com um risquinho ao lado". Depois vinham os outros números, com seu equivalente em risquinhos verticais. As operações aritméticas também eram aprendidas com esses pauzinhos (III + IIII = IIIIIII = 7), chegando-se assim até a pequenos problemas e suas soluções. No caderno "de linhas", aprendia-se a escrever. Todos os dias era feito um "cabeçalho", com o nome da escola, do aluno e a data, antes do ditado de palavras e sentenças - corrigidas diariamente pela professora. O livro só vinha no segundo semestre, com pequenas histórias, poesias de moral e lições de coisas.

No recreio, a água era distribuída com parcimônia nas canequinhas de alumínio que as crianças levavam de casa. Não havia repetição e o resto da jarra ia para a planta de um vaso, estrategicamente ali colocado. A água assim parcamente distribuída, tinha um bom motivo: evitar a ida dos alunos, "toda hora" ao banheiro, que ficava ao lado da sala de aula.

Dona Nenê era bondosa, mas muito enérgica e exigia comportamento exemplar de seus alunos. Naquele tempo havia nota pelo comportamento. Os que fossem indisciplinados (uma simples conversinha durante as aulas já era considerada indisciplina) dona Nenê colocava alguns minutos "de castigo" num cômodo adjacente à sala de aula, tendo as janelas sempre fechadas e era chamado de "quartinho escuro". A porta ficava aberta e não era medo que as crianças sentiam ao irem para lá, mas sim, vergonha, o que levava ao arrependimento de terem desobedecido as regras escolares. Raras eram as crianças que recebiam tal castigo e mais raras ainda as reincidências. Os pais logo ficavam sabendo do ocorrido e em casa havia o "ajuste de contas", que muito contribuía também para manter a criançada "na linha".

Uma das reinações que deu "quartinho escuro" para um grupo de meninos, foi quando, certo dia, eles pegaram o jabotí que dona Nenê tinha no jardim da casa - contíguo à área de recreio dos alunos - e colocaram o bichinho dentro da bolsa escolar de uma das meninas. Quando esta abriu a bolsa, ao voltar do recreio, foi aquela gritaria, choro e risadas do grupinho de malfeitores.

Porém, ao sairem do castigo, cabisbaixos, um deles estava chorando, pois, no tempo em que ficara recluso, lembrou-se do acerto de contas que ia enfrentar em sua casa e que era rigoroso!

A Escolinha devia comportar uns 20 a 25 alunos e funcionou durante vários anos, das 12:30 às 15:30 horas, dando uma ótima escolaridade inicial a muitas e muitas crianças de Guaratinguetá.

ANGÉLICA MARIA VILLELA REBELLO SANTOS
ex-aluna da Escolinha

NOTAS DO MUSEU

1 - Dona Nenê Moraes é o apelido de Ana Fausta de Moraes. Nascida em Guaratinguetá, em 1893, e falecida em 1971, era filha do Dr. Domingos Antônio de Moraes Filho e de Ana Fausta Machado de Moraes. Fez o curso primário no Colégio do Carmo e se formou professora em 1912, pela Escola Normal de Guaratinguetá, hoje E.E.P.S.G. "Conselheiro Rodrigues Alves". Em 1915 foi professora no Colégio São José, franciscano, onde lecionou gratuitamente. Em 1920, fundou o Externato São José (curso pré-primário). O Externato era conhecido e inspecionado pela Delegacia de Ensino de Guaratinguetá, não recebendo nenhuma subvenção do Governo. Dona Nenê alfabetizou mais de 500 crianças. Muitos de seus ex-discípulos ocupam, hoje, posição de destaque na vida pública nacional. Em 1950, o Externato São José encerrou suas atividades por motivo de saúde de sua fundadora.

Hoje, Dona Nenê, sempre muito respeitada por sua atuação no magistério e por suas virtudes cristãs, é homenageada em duas escolas: E.E.P.G. "Professora Ana Fausta de Moraes", localizada à Rua Manoel Alvim Taques Bittencourt - nº 90, Jardim Aeroporto e uma pré-escola da Prefeitura na Pç. São Gonçalo, bairro de São Benedito.

2 - O Hino da E.E.P.G "Professora Ana Fausta de Moraes" é de autoria do Prof. Roque de Castro (música e letra).

3 - A Escolinha de Dona Nenê ou Externato São José teve início em casa de Maria Gertrudes Rangel de Moraes, avó de dona Nenê. Esta casa ficava na atual rua Dr. Moraes Filho, no local onde se ergue o prédio nº 206, em que funciona a Receita Federal. Era uma casa grande, do ciclo do café. Em seu quintal, onde era realizado o recreio, havia um chafariz e um tanque de pedra, semelhante ao que existe no Museu Rodrigues Alves, junto da jaboticabeira. Dessa casa a Escola mudou-se para sobrado situado à rua Marechal Deodoro, nos fundos da casa da família de Dona Nenê. Deste local, a Escolinha foi transferida para a própria

casa de dona Nenê, à esquina das ruas Marechal Deodoro e Dr. Moraes Filho - nº 139. Nesta casa ficou até o encerramento de suas atividades.

4 - Na década de 1940, a mensalidade da escola ficava em torno de 5 mil réis.

5 - O uniforme, das meninas era: saia azul marinho, em sarja, abaixo dos joelhos; blusa xadrezinha marinho e branco e laço-gravata, também marinho. Para os meninos, a calça era curta e azul marinho, com a camisa e laço-gravata igual.

6 - Em 1996, o ex-aluno Ciro dos Santos tentou reunir os colegas e ex-alunos da Escolinha, para "um encontro com missa e colocação de uma pequena placa alusiva ao fato, como homenagem a nossa primeira professora". A dificuldade em localizar ex-alunos e seus endereços está dificultando a realização do evento.

7 - O Museu Frei Galvão possui algumas fotos de ex-alunos. Solicita a quem também possuir fotos e documentos sobre a "Escolinha de dona Nenê", para entrar em contato pessoalmente ou pelo telefone: 522-3674.

8 - No desenho de Tom Maia, aspecto atual da casa da Profª Nenê Moraes, onde funcionou a Escolinha. Na época, havia, além da grade em madeira, um portão grande para a entrada dos alunos, pela rua Marechal Deodoro, nº 15. Na casa funciona hoje o Instituto Odonto-Estomatológico.

FONTES DE CONSULTA

- E.E.P.G. "Profª Ana Fausta de Moraes" - Guaratinguetá .
- Arquivo "Memória de Guaratinguetá" do Museu Frei Galvão.
- Entrevistas com a Profª Regina Moraes Gonçalves Fonseca, ex-aluna e sobrinha de dona Nenê, e diversos outros ex-alunos, de várias turmas.
- A autora é presidente da União Brasileira de Trovadores - Seção de Taubaté (onde reside), e autora de publicações religiosas e sobre a genealogia guaratinguetaense de sua família.